

RELIGIOSIDADE E BRASILIDADE EM MANUEL BANDEIRA

por André Caldas Cervinskis

Estudante da Pós-Graduação em Lingüística da UFPB – PROLING

Pesquisa orientada pela Profa. Dra. Wilma M. de Mendonça

RESUMO: Atento à nossa história e às manifestações culturais populares, Manuel Bandeira é, sem dúvida nenhuma, um dos nossos primeiros modernistas a transformar, em matéria poética, a afetividade e a cordialidade brasileira, no trato com o código lingüístico e com o código religioso europeu, impostos, entre nós, pela violência etnocêntrica da colonização. Nessa perspectiva, buscamos observar, na obra bandeiriana, as marcas dessa religiosidade brasileira que, ao transformar o sagrado em experiência pessoal e afetiva, ressemantizam o convencionalismo e a sisudez do sistema sagrado branco, enquanto funcionam, literariamente, como traços específicos de brasilidade, de diferença, portanto, entre a nossa feição religiosa e o perfil religioso dos colonizadores.

Nessa apresentação, destacaremos traços de um cristianismo tipicamente “moreno” na obra bandeiriana, segundo conceituação de Hoonart (1991). Veremos como a afetividade e informalidade no trato com o sagrado permeou toda obra de Manuel Bandeira, desde *A Cinza das Horas* até *Mafuá do Malungo*, seu último livro. Todas as referências foram retiradas da coletânea de sua obra completa *Estrela de Vida Inteira* (1993). Gostaria de informar também que esse ensaio faz parte de um projeto mais amplo de dissertação de mestrado em lingüística, orientado pela Prof. Dra. Wilma Martins de Mendonça (PROLING-UFPB), intitulado *A língua certa do povo: A Escritura do Brasil em Manuel Bandeira*.

Antes de partirmos para a contextualização e análise dos poemas propriamente ditos, gostaria de deixar claro em qual conceito de *religiosidade* e *popular* vou basear meu ensaio. Religião, no dizer de Joaquim Salvador (OLIVEIRA et alii, 1976), é *o conjunto de atitudes, gestos e palavras, e o modo de um indivíduo ou uma coletividade se dirigir ao Ser Supremo para mostrar vassalagem, adoração, louvor, agradecimento e petições*. Já ‘popular’ é *igual ao que pertence o povo; é a tradição, o folclore, mentalidade popular; popular como termo antitético no relacionamento rural e urbano, com enfoque político; popular e erudito na área cultural; sagrado e secular, na dimensão religiosa*. (Op. cit., p. 69). Diferenciaria, porém, “religião” de ‘religiosidade’, pois este último está mais relacionado aos sentimentos de identidade que aos ritos e dogmas do primeiro. A priori, podemos afirmar que todo brasileiro tem religiosidade cristã (católica ou protestante/evangélica), embora nem todos freqüentem templos. A expressão mais genuína dessa averiguação é a máxima popular ‘rezar em casa’, ao ser indagado o brasileiro se é “católico praticante”; afirmação verídica estas, uma vez que

muitas pessoas, embora só entrem na igreja em eventos sociais e sacramentais (casamentos, primeira comunhão, missas de sétimo dia, batizados), possuem santos e rezam novenas inteiras por ocasião da data de seu santo de predileção. É o caso do apresentador Jô Soares, que, embora não seja assíduo ao culto, tem devoção fervorosa a Santa Rita de Cássia, só assistindo missa por ocasião de seu dia e cumprindo rigorosamente sua novena, como atestou diversas vezes em seu *talk-show* diário.

O “cristianismo moreno”, definição de Eduardo Hoonaert para o catolicismo que se desenvolveu sob a égide do colonizador português, mas que sofreu influências ameríndias e africanas, contrapõe-se ao chamado “patriarcal” cultivado pelos colonizadores e posteriormente pelas elites até o século XIX, até a romanização da igreja latino-americana.. A prática religiosa cultivada até essa época possuía fortes características anti-ritualistas, algumas chegando ao profano. No dizer do autor (HOONAERT, 1991a, p.126), *o brasileiro é considerado festivo em termos de religião. Ele parece ter a habilidade de transformar tudo em brincadeira. As festas religiosas, por exemplo, que, segundo as orientações da primeira evangelização devem levar à contrição e compunção, adquirem facilmente um ar brincalhão e ameaçam “virar bagunça”, quando administradas por mestiços negros confiáveis. Essa habilidade mestiça em tornar a festa “orgiástica” (do grego “orgia”, que significa ao mesmo tempo ação sagrada, mas também impulso vital, força que transborda), choca-se até hoje com a orientação oficial no sentido da penitência, do silêncio e da contrição, próprias da religiosidade mais introspectiva e séria do europeu. O resultado dessa estranha convivência entre o orgiástico e o penitencial mortificante pode-se verificar facilmente por onde se reúne gente em torno de uma festa religiosa.*

Na esteira da formação dessa religiosidade, vemos florescer uma Igreja completamente diferente da que aqui se tentou implantar a partir do século XVI com a vinda das congregações religiosas, jesuítas e franciscanos principalmente. Os indígenas não aceitavam os preceitos de monogamia, moralidade e monoteísmo impostos pelos missionários. Condicionando os nativos a seu modo colonizador de relacionar-se com Deus, tais missionários foram muitas vezes até bem intencionado, querendo implantar no Brasil a utopia da “terra sem males” tupinambá. Mas, impregnados pela mentalidade de superioridade colonizadora e proselitista própria da época, demonizaram os mitos indígenas, para, com isso apagar o que enxergavam como *superstições religiosas*. Nesse sentido, grande foi a luta desses com os pajés, que, ao contrário dos prelados cristãos, ofereciam curas baseadas na ação dos espíritos e da natureza (HOONAERT, 1991a, p. 115-128). Essa religiosidade alegre e pura que o ameríndio trouxe no encontro com o europeu transfigurou-se numa nova abordagem da sexualidade. *Toda a literatura sobre*

a distinção entre o corpo vestido do europeu e o corpo desnudo do indígena manifesta claramente esse complexo que habita o europeu: ou reprimir ou avançar agressivamente (...) O cristianismo da primeira evangelização tem certamente culpa na formação dessa neurose coletiva, pois ele nunca ensinou a celebrar o sexo como um sacramento de Deus, uma forma de se aproximar de Deus e de viver a graça santificante (HOONAERT, 1991a, p.127-8). Contrariando os tabus sexual-religiosos relacionados ao corpo, Manuel Bandeira relaciona o desejo à santidade em *Balada à Santa Maria Egípcíaca*”, do livro *Ritmo Dissoluto*. A santa é desmitificada, deixa de ser a mulher intocável e perde sua virgindade. Bandeira procura, através da imagem de uma santa católica, tornar a mulher humana, objeto de prazer em que o homem passa a matar o seu desejo (CERVINSKIS, 2006, p. 14): “Santa Maria Egípcíaca seguia/ Em peregrinação à terra do Senhor./ Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir./ Santa Maria Egípcíaca chegou/ À beira de um grande rio./ Era tão longe a outra margem!/ E estava junto à ribanceira,/ Num barco,/ Um homem de olhar duro./ Santa Maria Egípcíaca rogou:/ Leva-me ao outro lado./ Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe./ O homem duro fitou-a sem dó./ Caía o crepúsculo, e era como um triste sorriso de mártir./ Não tenho dinheiro. O Senhor te abençoe./ Leva-me ao outro lado./ O homem duro escarneceu: - Não tens dinheiro, /mulher, mas tens teu corpo. Dá-me o teu corpo, e vou levar-te/ E fez um gesto. E a santa sorriu,/ Na graça divino, ao gesto que ele fez./ Santa Maria Egípcíaca despiu/ O manto, e entregou ao barqueiro/ A santidade da sua nudez”. ((BANDEIRA, 1993, p. 106).

No século XIX, com a colônia já estabelecida e as religiosidades ameríndia e africana sufocadas (pelo menos assim pensava a hierarquia), o Brasil vê florescer uma Igreja de feição não-clerical. Nas Minas Gerais, por exemplo, havia muitas confrarias, que eram encabeçadas por leigos. Isso se deu graças à escassez de padres e ao desinteresse da Igreja portuguesa, que enviava bispos pouco interessados em serviços pastorais; que tão somente cumpriam suas obrigações canônicas e sonhavam um dia voltar à terra natal, muitas vezes desprestigiando seu próprio rebanho e até falando mal do país que os acolheram (HOONAERT, 1991, p. 115-155).

Para esse autor, tal “cristianismo moreno” é reafirmado plenamente através do movimento cultural gerado pela Semana Moderna de 1922. Essa postura nova, heterodoxa, irreverente, iconoclasta *significava a rejeição do Brasil ‘pra inglês ver’, e a valorização positiva da maneira em que os brasileiros vivem no dia-a-dia, navegando entre problemas não resolvidos, dando um jeito em tudo, sempre evitando a brusca negação ou o brusco confronto* (HOONART, 1991a, p. 15). Iniciando suas atividades literárias em 1917, período de uma já

notável ebulição cultural em Pernambuco, Manuel Bandeira emprestaria aos modernistas de São Paulo, em 1922, o texto que lhes faltava para a demarcação do novo em nossa poesia. Assim, “Os sapos” (escrito em 1919) tornar-se-ia o poema-ícone do nosso Modernismo. Dessa forma, Bandeira trilharia o caminho vanguardista de um Mário Sette, fundador, em 1921, do Movimento Modernista do Nordeste e, evidentemente, o do Brasil, com a obra *Senhora de Engenho*, como também o do pintor pernambucano, Vicente do Rego Monteiro (1899-1970), que em 1921 elabora o seu *Antropófago* tornando-se, assim, o primeiro modernista a se interessar pelo tema da antropofagia nas tradições indígenas. Sete anos depois, em 1928, Oswald de Andrade escreveria o do *Manifesto Antropófago* que se tornaria a mais completa e acabada tradução da cultura brasileira, como assegura Jorge Schwartz (2005). Para Hoonart (1991a, p. 16), *o paradoxal foi que essa valorização do modo de ser mestiço foi elaborada em São Paulo, cidade aparentemente feita de estrangeiros e que recebia na época o maior número de imigrantes italianos, japoneses e alemães. Foi talvez essa presença direta e inevitável de estrangeiros num país tão marcadamente mestiço que fez surgir esse tipo de reação.*

Essa religiosidade tipicamente brasileira, avessa aos formalismos e sentimentos de distanciamento entre o fiel e o sagrado, manifesta-se por meio de um devocionismo todo peculiar. Segundo Pedro Oliveira (OLIVEIRA et alii, 1976, p. 18), no Brasil, *as relações entre o fiel e os santos têm duas modalidades básicas. A primeira é a relação devocional. Trata-se de uma relação de aliança entre o fiel e o santo. Tal relação, uma vez estabelecida (pela consagração no batismo, por voto ou por tradição familiar, geralmente) não deve ser mais rompida. O fiel é devoto de um determinado santo e pode ter nele um ponto de apoio: o santo desempenha o papel de um “padrinho celeste”, com todas as obrigações mútuas de afilhado-padrinho (e quantas famílias não pegaram literalmente algum santo como padrinho/madrinha de batismo, até pouco tempo atrás?). (...) A segunda modalidade entre o fiel e o santo é a relação contratual. Um contrato explícito ou tácito é feito ente o fiel e o santo, tendo em vista a obtenção de uma “graça”.* Atento à nossa história e ao nosso povo, Bandeira foi o primeiro a representar, em sua poesia e em sua prosa, a afetividade, a cordialidade brasileira, no sentido que Sérgio Buarque de Holanda empresta a essa palavra, no trato com o sagrado. Assim, em 1930, em *Libertinagem* definirá essa fugidia, mas patente brasilidade, em estreita analogia com o divino, como podemos observar em *O anjo de guarda* e em *Oração a Santa Terezinha do Menino Jesus*: “Quando minha irmã morreu/ (Devia ter sido assim)/ Um anjo moreno, violento e bom – brasileiro/ Veio ficar ao pé de mim./ O meu anjo da guarda sorriu/ E voltou para junto do Senhor./ Quero alegria? Me dá alegria,/ Santa Teresa!/ Santa Teresa não Teresinha.../ Teresinha.... Teresinha.../ Teresinha do Menino Jesus” (BANDEIRA, 1993 p. 138). A devoção aos anjos, aliás, é recorrente em diversos poemas, como conotações explicitamente religiosas ou não (“A Estrela e o anjo”, p. 164; “Jacqueline”, p. 157), como no *Acalanto a John Talbot*:

“Dorme, meu filhinho,/ Dorme sossegado/ (...) O anjinho da guarda/ que o Senhor te deu,/ Pode adormecer/Pode descansar/ Que te guardo eu” (BANDEIRA, 1993, p. 181)

Mais adiante, esclarece Oliveira (Op. cit., p. 21) que *tanto a aliança quanto o contrato entre o fiel e o santo têm como marca característica o relacionamento direto e pessoal. O santo está ao alcance imediato do fiel: na imagem, na estampa, nos santuários, num cruzeiro à beira da estrada, numa gruta ou nos arredores do cemitério. (...) Tudo isso favorece o estabelecimento de uma relação muito pessoal entre o devoto e o seu santo de devoção. No limite, temos a privatização da religião. Isto é, toda a vida religiosa do fiel se torna centrada em suas relações diretas e pessoais com os santos, seja nas relações de aliança, seja nas relações de tipo contratual, tudo isso, se passando na esfera privada à qual só têm acesso o fiel e os santos aos quais ele se dirige* No poema *Oração a Santa Teresa* (BANDEIRA, 1993, p. 304), a relação do poeta com Teresa, a Grande, é expressa nos seguintes versos: “Santa Teresa olhai por nós/ Moradores de Santa Teresa/ (...) Antigamente, o bonde era no largo da Carioca atrás do chafariz/ Na estação tinha uma casa de frutas/ Onde o chefe de família/ Podia comprar a quarta de manteiga de sal/ a lata de biscoitos Aimoré/ a língua do Rio Grande/ O homem das balas recebia recados, guardava embrulhos/ De vez em quando havia um desastre na manobra do reboque/(...) rogai pelos tísicos/ Rogai pelos cardíacos/ Rogai pelos tabéticos/ Rogai pela gente de fôlego curto/ Rogai por mim e pelo pintor Artur Lucas/ (...) Nos fundos do Teatro Lírico/ Tem um mictório/ Rogai pelas donzelas do morro obrigadas a passar diariamente em frente ao [mictório/ Santa Teresa rogai por nós/ Moradores de Santa Teresa/ Estamos comendo da banda podre/ Faz um ano”. Bandeira apresenta a uma de suas santas de predileção (a outra é Santa Teresinha) pedidos simples (comprar ‘a lata de biscoitos Aimoré’ ou ‘a quarta de manteiga de sal’) de uma maneira coloquial, usando termos populares (‘comendo da banda podre’). Não reza somente por si (‘tísicos’, ‘gente de pouco fôlego’ – Bandeira era tuberculoso), mas também por outros infelizes: cardíacos, tabéticos (que sofrem de sífilis da medula espinhal) e até por um amigo, Artur Lucas.

Mas Bandeira também apresenta reclamações, e não somente louvores, aos santos. Na oração a Nossa Senhora da Boa Morte, o autor recorre à Mãe de Deus ao ver frustrada suas súplicas às duas Teresas e mesmo à Santa Rita de Cássia: “Fiz tantos versos a Teresinha.../ Versos tão tristes, nunca se viu!/ pedi-lhe coisas. O que eu pedia/ Era tão pouco! Não era glória.../ Nem era amor...Nem era dinheiro.../ Pedia apenas mais alegria:/ Santa Teresa nunca me ouviu!/Para outras santas voltei os olhos./ Porém as santas são impassíveis/como mulheres que me enganaram./ Desenganei-me das outras santas/ (Pedia muitas, rezei a tantas)/ Até que um dia me apresentaram/ a Santa Rita dos Impossíveis./ Fui despachado de mãos vazias!/ Dei volta ao mundo, tentei a sorte/ Nem alegrias mais peço agora/ Que eu sei o avesso das alegrias./ Tudo o que viesse, viria tarde!/ O que na vida procurei sempre,/ - Meus impossíveis de Santa

Rita - / Dar-me-eis um dia, não é verdade?/ Nossa Senhora da Boa Morte!” (BANDEIRA, 1993, p. 154/5). Como todo bom brasileiro, Bandeira tinha um fé incondicional em Nossa Senhora, pois sabia que ela intercedia pelas situações mais corriqueiras que podiam afligir seus filhos espirituais: À VIRGEM MARIA: “O oficial do registro civil, o coletor de impostos, o mordomo da Santa Casa e [o administrador do cemitério de São João Batista./ Cavaram com enxadas/ Com pás/ Com as unhas/ Com os dentes/ Cavaram uma cova mais funda que o meu suspiro de renúncia/ Depois me botaram lá dentro/ e puseram por cima/ As tábuas da lei/ Mas lá de dentro do fundo da treva do chão da cova/ eu ouvia a vozinha da Virgem Maria/ dizer que fazia sol lá fora/ Dizer

i n s i s t e n t e n t e m e n t e/ que fazia sol lá fora”. Por isso mesmo, o poeta relaciona-se com Santa Maria com proximidade, apresentado-lhe problemas banais: “Nossa Senhora me dê paciência/ para estes mares para esta vida!/ Me dê paciência para que eu não caia/ Pra que eu não pare nesta existência/ Tão mal cumprida tão mais cumprida/ Do que a restinga de Marambaia...”

A maioria dos brasileiros está acostumada a rezar sempre às 18h o *angelus* ou hora da graça, que representa a anunciação do anjo Gabriel da gravidez divina de Maria. Bandeira reproduz essa devoção em pelo menos três poemas: dois intitulados “Anunciação” (um no livro *Estrela da Tarde* e outro no *Mafuá do Malungo*) e um terceiro chamado “Alegrias de Nossa Senhora” (este último em forma de auto, com vários coros). Ao final deste, o poeta fala pela voz do coro: “Morte, onde está tua vitória?/ Pela primeira vez foste vencida,/ Maria, Mãe de Deus, alegre-te!/ Teu filho ressurgiu, divino,/ Hosana! Hosana! Hosana!” (BANDEIRA, 1993, p. 225)

Registramos também invocações a outros santos, como Santa Rosa (“Poema para Santa Rosa”), Santa Clara (“Oração para Aviadores” – curioso ele lembrar-se dos aviadores!) e São Francisco (“Oração”). Nesse caminho, escreverá em 1936 o *Conto Cruel (Libertinagem)* em que tratará Jesus Cristo, o Salvador, com a mesma intimidade com a qual o povo brasileiro trata seus santos e a si mesmo: *Vinte minutos.... Quem disse que o sono chegava? / Então, ele implorou chorando: / – Meu Jesus Cristinho/ /Mas Jesus Cristinho nem se incomodou.*

Na obra bandeiriana, há poemas que são verdadeiros autos de natal, lembrando o tradicional ciclo natalino como o pastoril, manifestação popular de herança luso-brasileira ainda fortemente encontrada em Pernambuco. Como exemplo, citamos “Pressepe” e “Canto de Natal” Vejamos alguns versos deste último: “O nosso menino/ Nasceu em Belém./ nasceu tão-somente/ para querer bem./ Nasceu sobre as palhas/ O nosso menino./ mas a mãe sabia/ que ele era divino./ (...) Por nós ele aceita/ o humano destino:/ Louvemos a glória/ de Jesus menino” (BANDEIRA, 1993, p. 192/3)

Os rituais religiosos não esquecidos, como se percebe no *Poema de Finados*: “Amanhã que é dia dos mortos/Vai ao cemitério. Vai/ e procura entre as sepulturas/ a sepultura de meu pai.” (BANDEIRA, 1993, p. 144). No poema “Macumba de Pai Zuzé” (BANDEIRA, 1993, p. 141), o poeta ressignifica a religiosidade afro-brasileira com reverência, inclusive respeitando o linguajar próprio do terreiro: “Na macumba do Encantado/ Nego veio pai de santo faz mandinga/ No palacete de Botafogo/ Sangue de branca virou água/ Foram vê estava morta!”

A poesia de Manuel Bandeira é influenciada por toda essa herança cultural. Nasceu em 1886 no Recife e morreu em 1968 no Rio de Janeiro, descendente de família abastada e tradicional em Pernambuco, foi herdeiro de um catolicismo que poderíamos considerar conservador. Poderíamos perguntar: com tal origem, poderia Bandeira expressar uma religiosidade tipicamente popular? Sim, pois tal religiosidade, recheada de afetos e informalismos, apresenta também um profundo senso de sacramentalização e conservação dos valores tradicionais. Em vida, Bandeira assistiu a um processo de ‘romanização’ da Igreja Católica no Brasil, que esteve dentro de um contexto mais amplo de reforma clerical em toda a América Latina. A Igreja em que Bandeira nasceu era separada do Estado, como preconizavam os positivistas que influenciaram a mudança de regime monárquico para republicano no Brasil. A esse processo de “secularização”, os fiéis, principalmente no interior do país, reagiram energicamente. Nas três primeiras décadas do século XX, cresce a influência dos beatos, como Antônio Conselheiro e Padre Cícero Romão Batista, até hoje considerado ‘padrinho dos nordestinos’, aclamado santo pelo povo e detentor de um catolicismo de base conservadora, que se contrapunha às reformas políticas implementadas por Getúlio Vargas no Estado Novo. Surgiram daí a Guerra do contestado, em Santa Catarina e Paraná, e de Canudos, na Bahia. Também nessa época (décadas de 20 e 30), o fenômeno do “cangaço” proliferou pelo Nordeste, pleiteando uma mais justiça à arcaica estrutura agrária da região, que concentrava terras e renda com poucos (os chamados “coronéis”), enquanto os sertanejos, em sua maioria, passavam fome sofrendo as conseqüências da seca. É revelado por historiadores que Lampião era devotíssimo de Nossa Senhora, inclusive rezando o ofício da Imaculada Conceição todo sábado (HOONAERT, 1991a).

Traços desse catolicismo patriarcal ou conservador, da classe média e alta, faz-se presente em poemas como: “O brigadeiro é Católico”, do livro *Mafuá do Malungo*, em que faz apologia à candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes, destacando gestos de sua catolicidade e conseqüente aptidão para governar a nação: “O Brigadeiro é católico:/ Vai à igreja, ajoelha e reza./ Mas quando bate no peito,/ Bate em rocha de certeza:/ - É direito! (BANDEIRA, 1993, p. 302). Ou num poema em que reverencia o Papa Paulo VI, num sinal de que, como diversos católicos de época, aderiu às reformas do Concílio

Vaticano II, que reformulou ritos e aproximou a Igreja do povo e da sociedade não-cristã: Á SUA SANTIDADE PAULO VI: “Quando em torno de nós raiva o funesto/ Desvairo, e na infernal perplexidade/ Erramos o caminho da verdade/ Nos Santos Evangelhos manifesto,/ Baixem as luzes do divino Texto/ Pela boca de Vossa Santidade/ para reconduzir a cristandade/ ao aprisco do Pai, ó Paulo VI! (...) Falai, falai, que ouvir a vossa isenta/ Palavra é ouvir em meio da tormenta/ a voz de Deus na voz de um grande Papa” (BANDEIRA, 1993, p. 248). Embora seja uma característica de católicos de diversas correntes a acolhida ao Vigário de Cristo (dogma da infalibilidade papal), é interessante perceber que, passando por diversos papas em seus mais de 80 anos, Bandeira tenha reverenciado justamente o consolidador das reformas do Vaticano II, sucessor de João XXIII, conhecido por sua abertura ao mundo. Na época de Paulo VI, a Igreja viveu seu momento de maior abertura dentro e fora da instituição, tanto em questões externas, como o diálogo com outras religiões (ecumênica), quanto questões internas (muitos padres foram dispensados de seus votos para casarem). Outro poema demonstra a pouca simpatia de Bandeira pela sisudez e burocracia características do Vaticano, o já citado *Poema para Santa Rosa*: (...) “Pousa na minha a tua mão, protonatária./ Gosto de ‘protonatária’./ Me lembra meu pai./ e pinta bem a quem eu quero./ Sei que ela vai perguntar: - o que é prontonotária?/ Reponderei:/ - Prontonatário é o dignitário da cúria Romana que expede, nas grandes/ [causas, os atos que os simples notários/ [apóstolos expedem nas pequenas./ (...) Santa Rosa me compreende./ Pousa na minha a tua mão, prontonatária’”. (BANDEIRA, 1993, p. 200)

Esse mesmo autor, em outra obra (HOONAERT, 1991b, p. 104), afirma, após definir o catolicismo patriarcal (das elites brasileiras) e o popular (ou ‘moreno’), que *foi o catolicismodos pobres que guardou durante séculos a mensagem evangélica para o Brasil e que continua a remir o catolicismo oficial, comprometido com o sistema, de seus numerosos pecados. O contraste entre o catolicismo patriarcal e popular é fragrante: o primeiro é a religião da casa-grande, exprime a fé e as aspirações dos proprietários de terra. O segundo é a religião dos moradores em terra alheia, dos que dependem dos proprietário sem ambas as situações, a vida é vivida de maneira diferente: uns vivem, dos outros, a custa dos outros. A religião não pode deixar de exprimir essa realidade. A redenção dos que vivem a custa dos pobres só pode provir de uma radical conversão pela contemplação das situações em que os irmãos pobres vivem.* Buscamos, nesse trabalho, as marcas dessa religiosidade brasileira que, ao transformar o sagrado em experiência pessoal e afetiva, ressemantizam o convencionalismo e a sisudez do sistema sagrado branco, enquanto funcionam, literariamente, como traços específicos de brasilidade, de diferença, portanto, entre a nossa feição religiosa e o perfil religioso dos

colonizadores. Contemplando a obra bandeiriana, ao final dessa apresentação, podemos afirmar que, atento à nossa história e às manifestações culturais populares, Manuel Bandeira é, sem dúvida nenhuma, um dos nossos primeiros modernistas a transformar, em matéria poética, a afetividade e a cordialidade brasileira, no trato com o código lingüístico e com o código religioso europeu, impostos, entre nós, pela violência etnocêntrica da colonização.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRIGUCCI JR., Davi. *Humildade, Paixão e Morte: a Poesia de Manuel Bandeira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

BACIU, Stefan. *Manuel Bandeira de Corpo Inteiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1966.

BANDEIRA, Manuel. *Estrela de Vida Inteira*. Rio de Janeiro, Liv. José Olympio Editora, 34ª. Edição, 1993.

CARA, Salete de Almeida. *Manuel Bandeira*. Coleção Literatura Comentada. São Paulo: Abril Cultural, 1981.

CERVINSKIS, André. *Manuel Bandeira, Poeta até o Fim*. Olinda: Livrorápido, 2006.

COELHO, Joaquim – Francisco. *Biopoética de Manuel Bandeira*. Recife: Ed. Massangana da Fundação Joaquim Nabuco/FUNDAJ, 1981.

_____. *Manuel Bandeira Pré-Modernista*. Prefácio de Edson Nery da Fonseca. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, Ministério da Educação e Cultura, 1982.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 3ª. edição, 1997

HOONAERT, Eduardo. *O Cristianismo Moreno no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991a.

_____. *Formação do Catolicismo Brasileiro (1550-1800)*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1991b

INSTITUTO DE PASTORAL DA JUVENTUDE. *História da igreja no Brasil*. Cartilha. Porto Alegre, 1984

MENDONÇA, Wilma Martins. *O Bandeira de André Cervinskis*. Mimeo, João Pessoa, 2006.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro *et alii*. *A Religião do Povo*. Curitiba: Cadernos Studium Theologicum - Universidade Católica do Paraná, 5ª. Edição, 1976